

**Inventário de uma biografia:
as fontes dos escritos sobre Baptiste-Louis Garnier (1864-2017) ¹**

Joaci Pereira Furtado

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2711-701X>

E-mail: joacifurtado@id.uff.br

Resumo: Baptiste-Louis Garnier (1822-1893) é um dos mais célebres editores do Brasil do século XIX. Sua editora publicou todo o cânone literário do romantismo e, sobretudo, de Machado de Assis. Há expressiva produção bibliográfica sobre esse editor franco-brasileiro, mas nunca se empreendeu um levantamento das fontes que serviram à redação desses escritos. Este artigo empreende o trabalho inédito de checar a documentação empregada naquilo que foi escrito sobre um dos fundadores da indústria editorial do livro brasileira.

Palavras-chave: Edição; Garnier; Fonte; Documentação; Bibliografia.

Inventory of a biography: the sources of writings on Baptiste-Louis Garnier (1864-2017)

Abstract: Baptiste-Louis Garnier (1822-1893) is one of the most famous publishers of the 19th-century in Brazil. His publishing house has published the entire literary canon of romanticism and, above all, Machado de Assis. There are significant bibliographic production on this editor, but never undertook a survey of the sources used in the writing of these writings. This article check the documentation employed in what was written about one of the founders of the brazilian book publishing industry.

Keywords: Editing; Garnier; Source; Documentation; Bibliography.

Texto recebido em: 13/08/2020

Texto aprovado em: 16/11/2020

Todo documento é mentira: fonte, informação e conhecimento

“Fonte”, palavra latina que chegou ao português exatamente nessa forma, tem acepção bastante ampla: o *Novo Aurélio século XXI – o dicionário da língua portuguesa* lhe atribui vinte (FERREIRA, 1999, p. 926). A maioria, porém, está associada à ideia de “origem” ou “causa” física, de algo que principia ou de onde diretamente emanam fluidos ou fenômenos elétricos (“Circuito capaz de fornecer energia elétrica, em condições controladas, a outro circuito; fonte de alimentação”), físico-químicos (“Sistema eletroquímico capaz de debitar corrente elétrica ou de

impor uma tensão elétrica a um circuito”) e hídricos (“Nascente de água”; “Bica de onde corre água potável para uso doméstico”). Em sentido figurado, prossegue o mesmo dicionário, “fonte” significa “Procedência, proveniência, origem”; “O texto original de uma obra”; “Que fornece informação sobre determinado tema”. No jornalismo, identifica “Qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações ao repórter para elaboração de uma notícia; a procedência da notícia”. O verbete esclarece ainda que, na teoria da informação, “fonte” é o “Elemento de um sistema de informação (q. v.) que produz mensagem original a ser transmitida; onde se origina a mensagem a ser comunicada”. Semanticamente, essa palavra pertence ao mesmo campo de outra, empregada como sinônimo pelos historiadores: “documento”. Esta também deriva do latim – *docere* (ensinar, mostrar) – e se confunde com a acepção figurada de “fonte” porque designa “Qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova, etc.” (FERREIRA, 1999, p. 700).

Em seu sentido figurado, decorrente do literal, prevalece em “fonte” a ideia de que, no percurso entre o que ela designa e a apropriação do designado, nada se interpõe: a relação é imediata. Por extensão, o mesmo conceito se repete na noção corrente de “documento”, sobretudo quando este é entendido como “prova” ou algo que “fornece informações” – tal como é percebido pelo senso comum: demonstração cabal, verdadeira, correta, exata, translúcida de algum fato. Contudo, somente no século XVII a palavra “documento” passa ao vocabulário jurídico francês significando “prova”, e daí ao jargão dos historiadores, já no início do XIX, como “testemunho histórico” (LE GOFF, 1987, p. 95). É curioso observar que em um dicionário atualizado no final do século XX subsista aquilo que o historiador britânico Edward Hallet Carr, em *Que é história?*, chamou de “fetichismo de documentos”, típico da historiografia do século XIX: “Os documentos eram sacrário do templo dos fatos. O historiador respeitoso aproximava-se deles de cabeça inclinada e deles falava em tom reverente. Se está nos documentos é porque é verdade” (CARR, 1996, p. 51).

Essa reverência começou a obsolescer, ao menos de maneira sistemática no âmbito da historiografia, em 1929, com o movimento conhecido na França como “*École des Annales*”, e que de lá se espalhou pelo Ocidente (REIS, 2000). Assim, a partir da teoria e das práticas historiográficas difundidas pelos *Annales*, documento algum, lembra com bom humor o referido Carr,

pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido, o que devia acontecer ou o que aconteceria, ou talvez apenas o que ele queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. (CARR, 1996, p. 51)

Os significados dos documentos lhe são atribuídos, não há fatos “puros” que deles emanam e nem basta que sejam sequencialmente justapostos para que do gesto classificatório ou organizativo brote “a história” – ou a verdade sobre ela. Eles são revestidos de valores por quem os encontra – “o uso que se faz deles é, se me permitem colocar dessa forma, o processo do processamento” (CARR, 1996, p. 51). A própria existência daquilo a que se atribui valor documental é resultado de processos sociais em que se decide, de modo menos ou mais explícito, o que deve ficar para a memória. Em outros termos, documentar significa escolher, o que torna incontornável esquecer – ao contrário do delirante protagonista do conto de Jorge Luis Borges, “Funes, o memorioso” (BORGES, 2001), espécie de caricatura monstruosa do arquivista que aspira à memória totalizante (ou quiçá mordaz alegoria do historiador positivista). Conforme ensina Marc Bloch – um dos fundadores dos *Annales* –, citado por Jacques Le Goff,

Não obstante o que por vezes parecem pensar os principiantes, os documentos não aparecem, aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável designio dos deuses. A sua presença ou a sua ausência nos fundos dos arquivos, numa biblioteca, num terreno, dependem de causas humanas que não escapam de forma alguma à análise, e os problemas postos pela sua transmissão, longe de serem apenas exercícios de técnicos, tocam, eles próprios, no mais íntimo da vida do passado, pois o que assim se encontra posto em jogo é nada menos do que a passagem da recordação através das gerações. (BLOCH. *Apud.* LE GOFF, 1987, p. 101).

No limite, escreve agora Le Goff, “Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer papel de ingênuo” (LE GOFF, 1987, p. 103).

E quando se trata de “fonte secundária”, isto é, de determinado documento, no sentido que a biblioteconomia lhe atribui? Com o belga Paul Otlet, na comunicação que apresentou em Paris, durante o Congresso Mundial de Documentação Universal, em 1937, “documento” passou a ser entendido como qualquer suporte material que possa ser armazenado, organizado, classificado e disponibilizado como objeto de informação, dilatando a abrangência do termo para além do manuscrito ou do impresso: “o livro, a revista, o jornal; (...) a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; (...) também, atualmente, o

filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica”. (OTLET, 1937)

Para o método da história, a fonte secundária é a não original, que referencia, resume, comenta, analisa ou reproduz parcialmente o conteúdo de outra, esta dita “primária”. Desde os *Annales*, contudo, a distinção é precária ou no mínimo ambígua, pois, enquanto apropriação de uma fonte primária, a secundária também pode ser primária, já que o próprio recorte ou comentário sobre a documentação original é um ato interpretativo que – diríamos, parodiando Bloch – não escapa ou não deveria escapar à análise.

Ao se fundamentar no que outros autores afirmam, partindo do pressuposto de que tais enunciações são rigorosamente científicas – seja lá o que se entenda por “ciência” –, o pesquisador adere ao acordo tácito do consenso acadêmico – por sua vez, resultado de convenções nada neutras, como já demonstrou, entre outros pensadores, Michel Foucault, em *A arqueologia do saber* (2015, p. 76-83).² Ou seja, não é imprescindível que o historiador consulte o original ou o fac-símile da Lei Áurea para constatar que, conforme vários colegas seus atestam, a escravidão foi abolida no Brasil no dia 13 de maio de 1888 – o que não o impede de, por exemplo, sustentar que a Abolição não integrou o negro na sociedade de classes. Nem se deslocar até a Europa para verificar nos arquivos franceses e britânicos se, conforme declaram inúmeras obras, Joana D’Arc existiu – o que não o obriga a crer, por exemplo, nas visões místicas da santa. Muito menos reler toda a obra de Gilberto Freyre para verificar se nela há mesmo a ideologia da “democracia racial” – a não ser que, por exemplo, discorde dos estudiosos que assim interpretam os escritos do sociólogo.

É esse acordo tácito que nos interessa aqui. Não para produzir nova teoria sobre as convenções do saber ou do discurso científico, mas para acompanhar empiricamente a trajetória da apropriação principalmente acadêmica dos enunciados. Dito de outra forma, nosso interesse é, a partir de um caso, investigar, por meio de referências bibliográficas, a circulação de enunciados sobretudo em trabalhos acadêmicos. Mais precisamente, refazer o percurso de um conjunto de informações acerca de certa personagem histórico que circula em universo específico de textos. Ainda mais exatamente, este artigo inventaria as fontes primárias e secundárias que fundamentam – em artigos de periódicos, capítulos de livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado – as afirmações sobre a vida e o trabalho de Baptiste-Louis Garnier, editor francês que se radicou no Rio de

Janeiro e que se tornou um dos mais célebres nomes da indústria editorial do livro no Brasil, na segunda metade do século XIX, conforme os mesmos textos que levantamos para o presente estudo. Não se trata de emitir qualquer juízo sobre tal apropriação ou sobre a pertinência dessas fontes, mas apenas de constatar concretamente, a partir de uma situação particular, o funcionamento das remissões intertextuais em escritos produzidos especialmente (mas não exclusivamente) na ou para a universidade, na esperança de, em última instância, contribuir para futuras reflexões sobre a noção de informação – central para a biblioteconomia – e mesmo de documentação – vital para a história.

A caça ao ganso: Baptiste-Louis Garnier, segundo as fontes

As informações mais recorrentes, a partir de fontes – como veremos – também frequentemente invocadas, descrevem Baptiste-Louis Garnier como egresso de família devotada à edição e ao comércio de livros. Nascido no dia 4 de março de 1822, na Normandia (Quetreville-sur-Sienne, mais precisamente), Baptiste-Louis era irmão de outros dois livreiros-editores, mais velhos, que em Paris, em 1833, abriram seu negócio – a casa Garnier Frères – na elegante Galerie d’Orléans, no Palais Royal.

Baptiste-Louis trabalhou com os irmãos na editora parisiense até 1844, quando, estimulado pela expansão internacional da indústria francesa do livro – que naquela altura hegemonizava o universo da cultura letrada –, vislumbrou atraentes oportunidades profissionais no então Império do Brasil. Naquele mesmo ano, como sócio dos irmãos (dos quais se emanciparia em 1852), Baptiste-Louis Garnier desembarcava no Rio de Janeiro, onde viveria até sua morte, aos 71 anos, em 1º de outubro de 1893, dono de considerável fortuna, depois de condecorado (em 1867) pela agora recém-extinta monarquia como oficial da Ordem Imperial da Rosa – uma das principais distinções honoríficas do regime, ainda que um tanto banalizada durante o reinado de d. Pedro II – e agraciado pelo governo português, em fevereiro de 1868, com o hábito da Ordem de Cristo. Tal reconhecimento decorre daquilo que as fontes descrevem como bem-sucedida carreira editorial no Brasil imperial.

Com 655 títulos nacionais, não há nome hoje célebre do cânone literário brasileiro do século XIX que não tenha sido publicado por Garnier – ou que não

tenha colaborado editorialmente com ele, como é o caso de Joaquim Norberto, que lhe prestou serviços de redator-revisor ou organizador de obras póstumas, e de Antônio Pereira de Figueiredo, cuja tradução da *Vulgata* o editor francês publicou em 1865. As obras de José de Alencar, Bernardo Guimarães, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves de Magalhães e Machado de Assis – este último, um de seus raros amigos – constituíram seu catálogo, que incluía ainda nomes canônicos do século anterior ou de românticos então já falecidos, como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, José Bonifácio (o “patriarca da Independência”), Álvares de Azevedo e Gonçalves Dias – todos organizados por Norberto. Da literatura estrangeira – quase exclusivamente francesa, na verdade – editou Alexandre Dumas (pai), Victor Hugo, Henry Xavier Amon Perrin (mais conhecido como Xavier – ou conde – de Montépin), Octave Feuillet, Arsène Houssaye, Émile Gaboriau e Júlio Verne – além de ter apresentado ao leitor brasileiro um autor que aqui muito se popularizaria ao longo do século XX: Hippolyte Léon Denizard Rivail – ou Allan Kardec, pseudônimo com o qual assinava seus livros. Os indícios levam a crer que Garnier foi pioneiro no Brasil ao separar as atividades de editor das de impressor de livros, tendo inclusive criado a Tipografia Franco-Americana, ativa nos anos 1870, mas, ao que consta, de existência efêmera (era economicamente mais viável imprimir livros brasileiros em Paris do que no Rio de Janeiro). Generoso no pagamento das traduções, foi inovador na negociação dos direitos dos autores que publicava e o responsável exclusivo pela introdução no país do “formato francês” dos volumes: primeiro o in-oitavo (16,5 x 10,5 cm) e depois o longo in-doze (17,5 x 11 cm). Comercialmente, é o implantador do preço fixo (mesmo valor de capa para todos os livros), a partir de um cálculo elementar: em um país cuja população era majoritariamente analfabeta e a indústria editorial tão incipiente, o mercado era bastante limitado e cada obra – sempre com tiragens pequenas, o que elevava os custos de produção – tinha seu restrito número de compradores.

O parágrafo acima e parte deste foram escritos a partir do que nos informa *O livro no Brasil: sua história*, do inglês Laurence Hallewell (ex-bibliotecário da estadunidense Universidade de Columbia que lecionou no curso de biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba), em sua terceira edição “de bolso” (são 1.016 páginas), de 2012, publicada pela Editora da Universidade de São Paulo (HALLEWELL, 2012, p. 17-18, 29-32, 219-248). Era, pelo menos até os anos 1990, o mais extenso texto sobre o editor e por isso mesmo, desde sua primeira publicação em português em 1985 (o exaustivo estudo é tese de doutorado redigida

entre 1970 e 1975, defendida na britânica Universidade de Essex e publicada em livro nos Estados Unidos em 1982), o mais referido pelos trabalhos posteriores que em algum momento abordaram a vida e a trajetória de Baptiste-Louis Garnier – como será visto mais à frente. A precisão quanto à Galerie d’Orléans e sua elegância é um acréscimo nosso (fundamentado num blog francês de bibliofilia que descreve a atuação dos irmãos Garnier em Paris),³ assim como a relativa banalização da Ordem Imperial da Rosa (foram 14.284 concessões sob Pedro II, enquanto seu pai havia distribuído 189 insígnias em nove anos, registra o site do Banco Central),⁴ o hábito da Ordem de Cristo que lhe foi concedido pelo governo português,⁵ a popularização do espiritismo kardecista no Brasil por meio de sua literatura (ANDRADE, 2008, p. 51),⁶ o nome oficial do conde de Montépin, disponível na Wikipedia,⁷ o vilarejo natal do editor na França – conforme o *Almanaque Brasileiro Garnier para 1914* – e o ano corx’reto de seu nascimento, cujo registro está digitalizado e disponível virtualmente.⁸

Para escrever especificamente sobre Baptiste-Louis Garnier, Hallewell fundamentou-se, segundo as referências que constam em notas de rodapé ao capítulo 8 da edição de 2012 de *O livro no Brasil: sua história*, em um manuscrito do próprio personagem, sem data, recolhido pelo Arquivo do Marquês de Olinda, custodiado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (HALLEWELL, 2012, p. 119, nota 1); no *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1914* (HALLEWELL, 2012, p. 221, nota 3 [edição não especificada]; p. 222, nota 4 [edição para o ano de 1914]); na edição de 5 de dezembro de 1867 do jornal carioca *O Typographo* (HALLEWELL, 2012, p. 225-226, nota 7); numa carta anônima de 9 de maio de 1870 conservada pela Biblioteca Nacional (HALLEWELL, 2012, p. 229, nota 14); no livro *O velho comércio do Rio de Janeiro*, de Ernesto Senna (HALLEWELL, 2012, p. 229, nota 15; p. 231, nota 16; p. 233, nota 20; p. 247, nota 33); no obituário de Garnier publicado por Machado de Assis em *Páginas recolhidas* (HALLEWELL, 2012, p. 232, nota 17; p. 248, nota 34); em artigo do mesmo Machado no *Diário do Rio de Janeiro*, edição de 5 de janeiro de 1865 (HALLEWELL, 2012, p. 232, nota 18); numa passagem de *Ordem e progresso*, de Gilberto Freyre, que repete Senna (HALLEWELL, 2012, p. 233, nota 21) e num trecho do romance *A conquista*, de Coelho Neto, citado por Lúcia Miguel-Pereira em *Prosa de ficção: 1870-1920* (HALLEWELL, 2012, p. 239, nota 27). Supomos que, para chegar a certas conclusões, o autor tenha consultado o colofão ou a folha de rosto de algumas edições da casa Garnier, como sugere o seguinte excerto:

O rompimento final com os irmãos deve ter ocorrido em 1864 ou 1865: o primeiro volume da *História da Fundação do Império Brasileiro* (...), que editou em 1864, traz a indicação “Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Pariz, Garnier Irmãos”, mas os volumes subsequentes indicam “Rio de Janeiro, B. L. Garnier; Pariz, Durand”. (HALLEWELL, 2012, p. 223)

Na “Bibliografia” de *O livro no Brasil*, que não é uma lista de livros, mas a relação comentada de obras relevantes para a redação da obra, Hallewell lembra os títulos úteis à redação das páginas sobre Garnier:

Também considerei o *Diccionario Bibliographico Português* (Lisboa, 1858-1923), de Innocencio Francisco da Silva, de grande valia nos casos de B. L. Garnier e dos Laemmert. (...) *Les Français dans l'histoire du Brésil*, de Mário de Lima Barbosa (Rio de Janeiro, Briguier, 1923), também foi útil. Os arquivos brasileiros da Editora Garnier (incluindo seus contratos com Machado de Assis, entre outros) encontram-se agora em Belo Horizonte, sob custódia da Itatiaia. Isso eu não sabia e gastei tempo e dinheiro no que o inglês chama de “wild goose chase” (caça a cavalo de ganso bravo) à matriz da Garnier em Paris! (HALLEWELL, 2012, p. 948)

Como é possível depreender, a valer os conceitos de fonte primária e secundária, Hallewell se serve dos dois gêneros, com predominância dos impressos (e, entre estes, os livros). Os papéis legados pelo editor franco-brasileiro – principal acervo do que se chamaria “documentação primária” –, contudo, não foram consultados (exceto a petição em que ele se candidata à comenda imperial). Embora não refira que documentos compulsou, o estudioso inglês recorreu aos arquivos da Garnier parisiense em sua pesquisa para escrever o capítulo sobre a casa carioca – ao que parece, ignorando não só o arquivo agora nas Vila Rica Editoras Reunidas (antiga Itatiaia),⁹ mas também uma pergunta elementar para um historiador (entendido aqui como qualquer estudioso do passado): após cinco décadas de intensa atuação como um dos mais célebres livreiros-editores do Brasil oitocentista, que vestígios materiais teriam sobrado das atividades de Baptiste-Louis Garnier à frente de sua editora, além de suas edições? Seja como for, na bibliografia ou documentação de Hallewell prepondera muito mais o que contemporâneos e pósteros disseram sobre o personagem e sua editora do que aquilo que este ou sua empresa, conscientemente ou não, documentou sobre si mesmo(a). Felizmente, contudo, as facilidades promovidas pela tecnologia da informação hoje permitem acessar o acervo preservado pelo grupo editorial Vila Rica: embora nem tudo esteja

reproduzido na íntegra, são listas de publicações, capas de livros, folhas de rosto, colofões, recibos, registros contábeis, declarações, contratos e correspondências comerciais da casa publicadora carioca (inclui alguns papéis já do século XX) fotografados em 2018 pelo *Literatura digital*, projeto de documentação da literatura brasileira mantido na Universidade Federal de Santa Catarina.¹⁰ O site do projeto não esclarece os critérios de seleção dos 105 documentos fotografados – que parecem um tanto aleatórios e assistemáticos, pois há, por exemplo, duas lombadas isoladas de livros que não oferecem informação relevante e contratos dos quais somente a primeira página foi reproduzida – e muito menos o estado e a extensão do acervo da antiga Garnier do Rio hoje em Belo Horizonte. Mas como o arquivo para *download* dessas imagens intitula-se “Parte 1”, supõe-se que a qualquer momento ao menos um segundo lote poderá ser posto ao alcance dos consulentes. O site do projeto *Circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX (1789-1914)*, mantido no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, disponibiliza para *download* 42 contratos e 33 recibos de autores brasileiros publicados por Garnier.¹¹

Feito esse mapeamento das fontes do próprio Hallewell, resta inventariar as de tantos outros trabalhos acadêmicos sobre Garnier que sucederam ao livro do pesquisador inglês, testando a hipótese de que as publicações posteriores vêm se fundamentado essencialmente no que consta em *O livro no Brasil: sua história*.

A biblioteca Garnier: levantamento de escritos sobre o editor

Organizamos o levantamento – que totalizou 51 itens não-ficcionais (o que exclui poesia, teatro e prosa de ficção) e que se pretende extenso mas não exaustivo¹² – do que foi escrito por ou sobre Garnier até novembro de 2017 em seis categorias, conforme a natureza do documento (no sentido biblioteconômico do termo): 1) almanaques e dicionários, 2) artigos em jornais (contemporâneos do livreiro-editor), 3) artigos em periódicos científicos e anais, 4) manuscritos (exclusive contratos de qualquer natureza, anotações contábeis e correspondência comercial, privada ou oficial), 5) dissertações de mestrado e teses de doutorado e 6) livros. Frisamos que nossa pesquisa se concentrou em textos ou passagens significativas que aludem diretamente a Baptiste-Louis Garnier. É certo que a quase totalidade dos trabalhos se serviu de fontes variadas ao abordar aspectos diretos ou indiretos

da vida e da trajetória do editor – que nem sempre foi o objeto central dos escritos aqui elencados, como é o caso de dissertações de mestrado e teses de doutorado relativas à história da literatura, do livro e da leitura no Brasil na segunda metade do século XIX, o que mereceria pesquisa à parte. O levantamento a que chegamos será apresentado a seguir, item a item (as referências completas encontram-se ao final do presente artigo).

1) Almanaques e dicionários

1.1 *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1914*, Rio de Janeiro, n. XI, 1913. Com 580 páginas, esse número do anuário (com calendário e espaço para anotações, além de publicar artigos, ensaios, charges, notas biográficas, dados estatísticos, datas festivas, tabelas de câmbio e previsões de eclipses, entre outras curiosidades), dirigido por João Ribeiro, criado e publicado pela própria casa, reproduz, das páginas 60 a 66, nota escrita em 1903 por Ramiz Galvão, antigo diretor do *Almanaque*, sobre a história da Livraria Garnier, principiando pela Garnier Frères de Paris.¹³

1.2 Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, t. 8, suplemento A-B, p. 361 e 427;¹⁴ 1870, t. 9, suplemento C-G, p. 412.¹⁵ Verbetes sobre Baptiste-Louis Garnier.

2) Artigos em jornais

2.1 “Ao acaso”, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, foi uma coluna que Machado de Assis manteve no jornal carioca. Na edição de 17 de outubro de 1864 o escritor elogia a qualidade da edição de *Cantos fúnebres*, de Gonçalves da Magalhães, impresso em Viena, Áustria (ASSIS, 2008, p. 206-207).

2.2 Na edição de 3 (e não de 5, como registra HALLEWELL, 2012, p. 232, nota 18) de janeiro de 1865 do *Diário do Rio de Janeiro*, na coluna “Ao caso”, Machado novamente elogia Garnier, destacando sua iniciativa de editar o *Jornal das Famílias* (ASSIS, 2008, p. 238).

2.3 *O Typographo*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, de 5 de dezembro de 1867. Essa “folha dedicada à arte tipográfica”, como se autodescrevia, criticava, na coluna “O trombetilha” (p. 3-4), a opção de Garnier por imprimir em Paris as obras que ele editava no Rio de Janeiro.¹⁶

2.4 *O Sexo Feminino*, Rio de Janeiro, ano II, n. 2, 29 de julho de 1875, p. 3. Nesse “semanário dedicado aos interesses da mulher” há nota sem identificação de

autoria sobre a edição de *O poder da verdade*, em tradução de “F. da M. de A. Correia” publicada por Garnier – cuja atuação editorial é elogiada.¹⁷

2.5 *O Album*, Rio de Janeiro, ano I, n. 41, segunda série, outubro de 1893, p. 322. Jornal satírico editado por Artur Azevedo (1855-1908), publica, na coluna “Crônica fluminense”, assinada por “A.”, nota (bastante sardônica) de falecimento do editor francês.¹⁸

2.6 *O Paiz*, ano IX, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1893, p. 2. Na coluna “Necrologia”, registra e lamenta o falecimento de Garnier.¹⁹

2.7 A *Gazeta da Tarde* de 2 de outubro de 1893 noticia a morte de Garnier. A nota foi parcialmente transcrita em artigo publicado por Alexandra Santos Pinheiro (ver item 3.5).

2.8 *O Estado de S. Paulo* de 4 de outubro de 1893 dá breve notícia do falecimento do editor, segundo Alexandra Santos Pinheiro (ver item 3.5).

2.9 O *Jornal do Commercio*, na edição de 7 de outubro de 1893, publica obituário de Baptiste-Louis Garnier seis dias após sua morte. A nota foi parcialmente transcrita em artigo publicado por Alexandra Santos Pinheiro (ver item 3.5).

2.10 “Garnier”, publicado na *Gazeta de Notícias* de 8 de outubro de 1893, é o obituário do editor escrito por Machado de Assis e publicado sete dias após a morte do empresário – texto depois incluído no final de *Páginas recolhidas*, livro de 1899 (p. 257-262). Nesse obituário, o autor de *Dom Casmurro* escreve o mais extenso testemunho (até agora conhecido) de alguém que tenha convivido com Garnier no Brasil.²⁰

3) Artigos em periódicos científicos e anais

3.1 Aníbal Bragança, no artigo “Uma introdução à história editorial brasileira”, publicado em 2002 na *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, baseia-se em Laurence Hallewell, na primeira edição em português de seu livro (1985), para descrever, na página 60, a chegada e as primeiras atividades do francês no Rio de Janeiro (ver item 6.5).

3.2 Márcia Abreu, em “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”, artigo publicado em 2011 em *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, fundamenta-se na segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) para relatar, nas páginas 118 e 119, como e por que Garnier optava por imprimir seus livros em Paris.

3.3 Lúcia Granja, no artigo “Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil”, publicado em 2013 na revista *Livro*, cita, quando trata especificamente do editor francês, Marisa Midori Deaecto (ver item 6.2), Laurence Hallewell (ver item 6.5), Machado de Assis (ver item 2.10), *Jornal do Commercio* (ver item 2.9), Alexandra dos Santos Pinheiro (ver item 3.5), Eliana de Freitas Dutra (ver item 6.3) e o documento “Notoriété après décès de M. Pierre Auguste Garnier” (para a elaboração da árvore genealógica de Baptiste-Louis).

3.4 Lúcia Granja, em “Garnier no Brasil: esta história se faz com homens e livros”, artigo apresentado durante o colóquio *Circulação transnacional de impressos – Conexões*, ocorrido em São Paulo (SP) em 2012, fundamenta-se em Laurence Hallewell (ver item 6.5), Ernesto Senna (ver item 6.10), Eliana de Freitas Dutra (ver item 6.3), Luís Edmundo (ver item 6.14), contratos e correspondência comercial custodiados pelo Arquivo Nacional e a Biblioteca Nacional, José de Alencar (ver item 6.13) e no catálogo da Livraria Garnier arquivado na Biblioteca Nacional da França.

3.5 Alexandra Santos Pinheiro, em “Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário”, publicado nos anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, promovido em 2004 pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (RJ), cita o referido capítulo “Baptiste Louis Garnier” da primeira edição em português de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) nas páginas 1, 6, 8 e 9. Na página 4, Pinheiro transcreve bilhete de José de Alencar a Garnier posto no início de *Sonhos d'ouro* (ver item 6.1) para ressaltar a relação que o livreiro e editor mantinha com Alencar e os demais escritores brasileiros que editou. A autora é a primeira a levantar os necrológios sobre Garnier publicados nos jornais *O Album*, *Jornal do Commercio*, *O Sexo Feminino*, *O Paiz*, *O Estado de S. Paulo* e *Gazeta da Tarde* (ver itens 2.4 a 2.10).

3.6 Rutzkaya Queiroz dos Reis, em “Machado de Assis e Garnier: o escritor e editor no processo de consolidação do mercado editorial”, artigo publicado nos anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial ocorrido no Rio de Janeiro (RJ) em 2004, cita as seguintes fontes: Laurence Hallewell (ver item 6.5); Alexandra Santos Pinheiro (ver item 5.2; Reis refere as páginas 70 e 71 da dissertação para reforçar, na página 5 do artigo, o que Hallewell afirma sobre a relação profissional entre Machado e seu editor); Eneida Maria de Souza (ver item 3.13; Reis usa o artigo para mostrar, na página 3, como Garnier conseguiu introduzir e editar os romances de forma bem sucedida); Aníbal Bragança (ver item 3.1; a autora fundamenta-se também nesse artigo para abordar as contribuições de

Garnier para o mercado editorial brasileiro); Nelson Schapochnik (Reis se refere à comunicação “B. L. Garnier, Rua do Ouvidor 69” que o autor apresentou ao XXI Simpósio Nacional de História da ANPUH e cuja íntegra não foi localizada por esta pesquisa); e Eliana de Freitas Dutra (ver item 6.3; fundamentando-se nesse capítulo, a autora mostra, na página 5 do artigo, como o almanaque da editora contribuiu para a formação de público leitor).

3.7 Lúcia Granja, em “Um editor no espaço público: Baptiste Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira”, artigo publicado em 2016 no periódico *Estudos Linguísticos*, cita: na página 1206, a segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) para mostrar a relação do editor com os escritores e intelectuais brasileiros (a autora evidencia, a partir de Hallewell, como o livreiro-editor foi fundamental para estimular uma cultura de leitura, sobretudo no Rio de Janeiro, detalhando a história de Garnier com ênfase em sua tradição familiar no ramo do comércio e da edição de livros na França, no século XIX; Granja mostra como Garnier se consolidou aqui no transcorrer daquele século, evidenciando que, principalmente devido à relação não só profissional como também social entre Garnier e os escritores, o livreiro-editor passa a ter influência direta no campo da gênese literária brasileira, principalmente por editar e publicar literatura brasileira – o que, segundo a autora, fez de Garnier o principal fornecedor da Biblioteca Nacional); e Marisa Midori Deaecto (ver item 6.2; Granja narra, na página 1209 do artigo, como Garnier se empenhou para obter o reconhecimento do diretor da Biblioteca Nacional, frei Camilo de Monserrat).

3.8 Lúcia Granja, em “Fontes para o estudo da edição no Brasil: os contratos e recibos da editora B. L. Garnier” – texto publicado em 2017 no site do projeto de cooperação internacional *Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX*, mantido no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp –, se serve das seguintes fontes sobre Garnier, além dos contratos e recibos mencionados no título: Laurence Hallewell (ver item 6.5; a partir de *O livro no Brasil*, mostra, na segunda página do artigo, como e quais eram as atribuições de Garnier no processo contratual das obras que editava; também menciona, na terceira página, como Garnier era visto por intelectuais e escritores, que recorriam ao seu trabalho garantindo-lhe a fama de “bom ladrão”, em alusão jocosa às iniciais de seu prenome); Andrea Borges Leão (ver item 3.10); Alexandra Santos Pinheiro (ver item 3.5; Granja emprega a fonte para detalhar procedimentos legais nas

transações comerciais entre Garnier e os autores); e Juliana Maia de Queiroz (ver item 6.8).

3.9 Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em “A profissionalização do escritor no Brasil no século XIX”, artigo publicado em 2015 no periódico *Fragmentum*, se servem, ao se referirem à atuação profissional de Garnier, da segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5); de contratos disponíveis na Biblioteca Nacional; de crônica de Machado de Assis de 22 de novembro de 1864 no *Diário do Rio de Janeiro* (ver item 3.17); e de José de Alencar (ver item 6.13). As autoras se referem ainda ao romance *A conquista*, de Coelho Neto, também mencionado por Hallewell (“por meio de uma das personagens do romance *A conquista*, de 1898, o acusou: reimprimir indefinidamente as obras de seus editados, sem prestar contas a eles”, p. 81). Mas, por se tratar de obra ficcional, não entra no escopo desta pesquisa.

3.10 Andrea Borges Leão, em “Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858-1920)”, publicado em 2007 no periódico *História da Educação*, cita a segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) A partir de Hallewell, Leão descreve, nas páginas 164 a 168, a atuação de Garnier como editor de livros didáticos.

3.11 Júlio César Modenez, em “A circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro”, publicado em 2014 no periódico *Cultura e Tradução*, cita, ao referir-se a Garnier, Laurence Hallewell (ver item 6.5), Aníbal Bragança (ver item 3.1), Lúcia Granja (ver item 3.4) e Eliana de Freitas Dutra (ver item 6.3).

3.12 Clara Carolina Souza Santos, em “Livros e mais livros: como alugar romances ingleses, franceses e brasileiros no Brasil oitocentista?”, artigo publicado em 2016 na revista *Fólio*, recorre à segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5). A autora cita Laurence Hallewell na página 462 para apontar a relação de Garnier com Anatole Louis Garraux, livreiro francês radicado na então província de São Paulo.

3.13 Eneida Maria de Souza, em “O homem da porta da Garnier”, artigo publicado em 1992 na *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, refere-se, na página 10, à crônica de Machado de Assis sobre Garnier (ver item 2.10).

3.14 Jaison Luís Crestani, em “Machado de Assis, contista do *Jornal das Famílias*”, publicado em 2007 nos *Anais do Colóquio de Alunos de Pós-graduação em Letras da Unesp/Assis*, cita a tese de doutorado de Sílvia Maria Azevedo (ver item 5.1), comentando, na página 15, a relação de Garnier com Machado de Assis na criação e edição do *Jornal das Famílias*.

3.15 Lúcia Granja, em “Fontes para o estudo da edição no Brasil: os contratos e recibos da editora B. L. Garnier”, artigo sem data publicado no site do projeto *Circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX (1789-1914)*, se serve das seguintes fontes ao escrever sobre o editor: Laurence Hallewell (ver item 6.5); Andrea Borges Leão (ver item 3.10); Alexandra Santos Pinheiro (ver item 6.7); e Juliana Maia de Queiroz (ver item 6.8).

3.16 Lúcia Granja, em “Rio-Paris: primórdios da publicação da literatura brasileira *chez Garnier*”, publicado em 2013 na revista *Letras*, para escrever sobre a atuação do livreiro-editor recorre a Nelson Schapochnik (ver item 3.17), Eliana Dutra (ver item 6.3), Machado de Assis (item 2.1), Laurence Hallewell (ver item 6.5), ao contrato firmado em francês entre Garnier e Jules Henri Gueffier em 10 de fevereiro de 1864 (e conservado nos Archives Diplomatiques du Ministère des Affaires Étrangères, França) e ao *Catálogo da Livraria B. L. Garnier* disponível na Biblioteca Nacional da França.

3.17 Nelson Schapochnik, em “Malditos tipógrafos”, artigo publicado em 2004 nos anais do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial (p. 14-16), comenta as referências (sempre elogiosas) à qualidade das edições Garnier em diversas crônicas de Machado de Assis publicadas em jornais.²¹ Como dito anteriormente, ainda cabe minuciosa pesquisa que recupere não só as menções em crônicas de Machado mas também as que estão dispersas em jornais e revistas contemporâneos dos lançamentos da editora de Baptiste-Louis Garnier.

3.18 Jaison Luís Crestani, em “A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões”, artigo publicado em 2006 na revista *Patrimônio & Memória*, fundamenta-se em Alexandra Santos Pinheiro (ver item 5.2) para afirmar que “o *Jornal das Famílias* deixava entrever ainda a forte presença da escola romântica” (p. 149), e no prefácio de Raimundo Magalhães Jr. (1907-1981) a *Contos esquecidos*, coletânea póstuma organizada por ele em 1956 reunindo contos de Machado de Assis, para afirmar que determinada polêmica “foi forjada pelo próprio autor e pelo editor Garnier” (p. 170).

3.19 Jaison Luís Crestani, em “Contos de Machado de Assis publicados no *Jornal das Famílias*: a representação irônica das convenções da produção literária vinculada à imprensa periódica”, artigo publicado em 2007 na revista *Patrimônio & Memória*, cita Sílvia Maria Azevedo (ver item 5.1), Alexandra Santos Pinheiro (ver item 5.2) e Jean-Michel Massa (ver item 6.16).

4) Manuscritos

4.1 Manuscrito sem data do Arquivo da Coleção Marquês de Olinda (IHGB: lata 214, doc. 61). Transcrevendo parte desse manuscrito – petição dirigida a Pedro de Araújo Lima (1793-1870), marquês de Olinda, então presidente do Conselho de Ministros – como epígrafe do capítulo 8 de *O livro no Brasil*, Laurence Hallewell conclui que ele é do próprio punho de Baptiste-Louis Garnier: “Era assim que o mais importante editor brasileiro do século XIX via a si mesmo” (HALLEWELL, 2012, p. 219). O documento requer o título de oficial da Ordem Imperial da Rosa, o que foi concedido pelo imperador ao editor em 16 de março de 1867 (HALLEWELL, 2012, p. 219-220).

5) Dissertações de mestrado e teses de doutorado

5.1 Sílvia Maria Azevedo, nas páginas 156 a 167 de *Trajetoária de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*, tese de doutorado defendida em 1990 junto ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, fundamenta-se na primeira edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5), para descrever a produção do *Jornal das Famílias* a partir da relação entre Garnier e Machado de Assis.

5.2 Alexandra Santos Pinheiro, ao escrever o capítulo “Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário” de *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863- 1878): dois empreendimentos de Garnier*, dissertação de mestrado em letras defendida na Unesp em 2002, recorre às fontes descritas no item 3.5 (a autora adaptou esse capítulo de seu mestrado para apresentá-lo no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial).

5.3 Júlio César Modenez, em sua dissertação de mestrado *Dois mundos? Um estudo dos mercados livreiros carioca e parisiense em meados do século XIX*, defendida no Departamento de Teoria e História Literária da Unicamp em 2016, compara as atuações de Baptiste-Louis Garnier no Brasil e Michel Lévy na França, analisando seus respectivos catálogos. Sua bibliografia inclui Márcia Abreu (ver item 3.2); Eliana de Freitas Dutra (ver item 6.3); Lúcia Granja (ver itens 3.4 e 3.16); Laurence Hallewell (ver item 6.5); Marisa Lajolo e Regina Zilberman (ver item 6.9); Alexandra Pinheiro (ver item 6.7) e Juliana Maia de Queiroz (ver item 6.8).

6) Livros

6.1 José de Alencar, na página XVIII do prólogo ao romance *Sonhos d'ouro*, intitulado “Bênção paterna” e datado de 23 de julho de 1873, faz referências elogiosas ao seu editor.²²

6.2 Marisa Midori Deaecto, no capítulo “B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre França e Brasil no século XIX”, do livro *Franceses no Brasil (Séculos XIX-XX)*, organizado por Tânia Regina Luca e Laurent Vidal e publicado em 2009, cita a segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) para descrever, nas páginas 422 a 424, o desenvolvimento das atividades editoriais de Garnier no Brasil.

6.3 Eliana de Freitas Dutra, no capítulo “Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”, nas páginas 67 a 87 do livro *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*, organizado por Márcia Abreu e Aníbal Bragança e publicado em 2010, emprega o capítulo sobre Garnier da segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5) para mostrar, nas páginas 67 a 69, a expansão ultramarina das editoras francesas pelo continente americano.

6.4 Eliana de Freitas Dutra emprega Laurence Hallewell (ver item 6.5) para escrever “*Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando o Brasil a ler, ensinando a ler o Brasil*”, publicado em *Livro, leitura e história da leitura*, obra organizada em 1999 por Márcia Abreu.

6.5 Laurence Hallewell escreveu o capítulo “Baptiste Louis Garnier” de seu *O livro no Brasil: sua história*, publicado pela primeira vez em português em 1985, empregando fontes descritas na segunda parte deste artigo (q. v.).

6.6 Rubens Borba de Moraes, em *O bibliófilo aprendiz* (cuja primeira edição data de 1965), observa, a partir das informações disponíveis no *Almanaque Garnier para o ano de 1914* (ver item 1.1), como o editor franco-brasileiro desenvolveu seus métodos de escolha de tradutores.

6.7 Alexandra Santos Pinheiro, no capítulo “Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista” do livro *Trajетórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*, organizado por Márcia Abreu e publicado em 2008, alude a Garnier, na página 175, empregando a segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5).

6.8 Juliana Maia de Queiroz, no capítulo “Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da Livraria Garnier”, páginas 199 a 212 do livro *Trajетórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*, organizado por Márcia Abreu e publicado em 2008, cita a segunda edição de *O livro no Brasil* (ver item 6.5),

nas páginas 205 a 208 do artigo, para apresentar inovações introduzidas por Garnier na edição de romances.

6.9 Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *A formação da leitura no Brasil*. No livro, cuja primeira edição é de 1996, ao se referirem a Garnier, as autoras se fundamentam em contratos do editor preservados pela Biblioteca Nacional (Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, guardado sob o número I – 7.9.25 – Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1872.; guardado sob o número I – 7.9.19 – Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1873); em *Como e porque me tornei romancista*, de José de Alencar (ver item 6.13); no capítulo de *O livro no Brasil* sobre o editor francês (ver item 6.5); e em correspondências de Machado de Assis.

6.10 *O velho comércio do Rio de Janeiro*, de Ernesto Senna, livro de 1910 publicado pela própria editora Garnier (agora dirigida por seu herdeiro), não registra qualquer fonte para sustentar suas afirmações sobre a vida e a atuação do editor francês (SENNA, 2006, p. 42-57).

6.11 Em *Ordem e progresso*, cuja primeira edição é de 1957, Gilberto Freyre refere os nomes de autores publicados por Garnier “cuja mocidade trouxe novos valores para uma literatura já com tendências a se tornar nacional” (FREYRE, 1962, p. 251). E se fundamenta em Ernesto Senna (*O velho comércio do Rio de Janeiro*) para reafirmar sua relevância na consolidação da literatura brasileira (FREYRE, 1962, p. 252). Freyre menciona também a introdução, por Garnier, do formato “7° e 12 alongado” dos volumes, sua iniciativa de publicar a *Revista Popular* e o *Jornal das Famílias* e a montagem de uma tipografia (FREYRE, 1962, p. 252) – assim como outras tantas atividades editoriais e empresariais que inclusive o levariam a ser condecorado (FREYRE, 1962, p. 253-254). Freyre pesquisou ainda em anúncios da casa Garnier na imprensa carioca do século XIX (FREYRE, 1962, p. 296, nota 50).

6.12 Mário de Lima Barbosa, *Les Français dans l’histoire du Brésil*, trad. Clément Gazet, Rio de Janeiro/Paris, Briguiet/A. Blanchard, 1923, p. 418 e 420. Descrição das atividades editoriais de Baptiste-Louis Garnier no Rio de Janeiro. Parece uma coedição da casa francesa com a carioca Briguiet & Cia., já que não localizamos o “original brasileiro” de que fala a página de rosto do livro.²³

6.13 José de Alencar, no relato autobiográfico *Como e porque sou romancista* (Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 1893), publicado postumamente, descreve suas relações contratuais com Garnier (p. 52-55).²⁴

6.14 Luís Edmundo, *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Nessas volumosas memórias publicadas em três volumes em 1938, o acadêmico Edmundo de Melo Pereira da Costa (1878-1961) perfila o editor francês, acentuando a relevância de seu trabalho editorial, a habilidade comercial e a sovinice (p. 702-705). Como texto memorialístico, não vê obrigado a citar fontes, embora remeta a Ernesto Senna (ver item 6.10) para descrevê-lo como “uma das figuras mais interessantes da rua do Ouvidor” (EDMUNDO, 1938, p. 703-704).

6.15 Jaison Luis Crestani, ao se referir diretamente a Baptiste-Louis Garnier em *Machado de Assis no Jornal das Famílias* (p. 148-149), livro lançado em 2009, recorre à *Revista Popular* de 15 de dezembro de 1862 e às edições do *Jornal das Famílias* de janeiro de 1863, janeiro de 1864 e janeiro de 1869.

6.16 Jean-Michel Massa, em *A juventude de Machado de Assis (1839-1870): ensaio de biografia intelectual*, cuja primeira tradução foi publicada em 1971 pela Civilização Brasileira, diz que “Durante quinze anos o funâmbulo Garnier soube agradar e não desagradar, fazendo correr a revista [*Jornal das Famílias*] ao longo do estreito fio da moralidade” (p. 542). Para essa afirmação, não apresenta fontes.

Você não tem por que temer começar: avaliando uma hipótese

Diante da lista acima, a hipótese enunciada ao final da segunda parte deste artigo ainda se sustenta? Ou ao menos é pertinente? Sim, se for bastante nuançada ou relativizada. É certo que, afora o manuscrito sem data (ver item 4.1) e o que foi escrito antes da publicação de *O livro no Brasil* em português, imperam o diletantismo de escritores e profissionais da indústria do livro em notas biográficas e necrologias, os comentários em jornais e revistas contemporâneos do editor e as passagens de escritos memorialísticos ou de valor testemunhal dos que conviveram com ele ou com sua fama ainda em vida. Antes do alentado trabalho do estudioso inglês não parece haver no país, ao menos a princípio, produção universitária – justamente a que se tornaria a mais prolífica sobre o personagem – que se ocupe de modo relevante do livreiro-editor (as referências que constam do ensaio de Jean-Michel Massa, publicado em 1971, são muito breves para caracterizá-las como significativas para o avanço dos estudos sobre Garnier). Cumpre indicar, porém, a expressiva reunião de dados empreendida por Gilberto Freyre acerca do editor francês em seu *Ordem e progresso* – talvez a mais significativa, desde o *Almanaque*

Brasileiro Garnier para 1914 e antes de Laurence Hallewell. Mas, a partir dos anos 1990, fenômeno que intensifica nos anos 2000, multiplicam-se os artigos em periódicos científicos que abordam a atuação profissional do normando (o mais antigo localizado por nós data de 1992, embora não arrole a obra de Hallewell sequer em suas referências bibliográficas; ver item 3.13), assim como capítulos e passagens expressivas de livros resultantes de pesquisas acadêmicas. O próprio Hallewell, ao rever a tradução de seu livro para nova edição brasileira já no século XXI, acrescentou poucas referências às fontes de que havia se servido para escrever sobre Garnier. De modo que, sem sombra de dúvida, desde 1985 *O livro no Brasil* tornou-se incontornável para qualquer pesquisador brasileiro da história do livro ou da leitura em nosso país na segunda metade do século XIX – como revela a listagem que apresentamos. Porém, essa obra está longe de ser a única, embora possa ser a principal, quando se trata de escrever sobre o livreiro e editor que trocou Paris pelo Rio de Janeiro.

O aumento das referências a Garnier e a diversificação das fontes nos escritos sobre ele, constatados nos anos 1990 e seguintes, não devem ser dissociados da consolidação e da difusão dos programas de pós-graduação no Brasil,²⁵ verificadas ao longo da década anterior, ainda que alguns datem dos anos 1970 (FICO; POLITO, 1992, p. 31-33). A própria publicação em português de *O livro no Brasil* pode responder à demanda provocada pela “descoberta”, nos anos 1980, de objetos antes secundários para a historiografia, seja ela produzida dentro ou fora dos cursos de história (FICO; POLITO, 1992, p. 160-167) – o que, com toda certeza, influenciou as pesquisas dos programas de pós-graduação de áreas afins. Note-se, em nosso levantamento, que a totalidade dos artigos não foi publicada em periódicos científicos e anais específicos da pós-graduação ou de entidades de pesquisadores da história, ou não foi escrita por pós-graduandos ou docentes formalmente dessa área – mas que são tributários de estudos que os historiadores vêm fazendo sobre o livro, a biblioteca e a leitura no Brasil nas últimas três décadas. Some-se a isso a constatação de que as duas dissertações de mestrado e a tese de doutorado identificados por nós foram defendidos em programas da área de letras – e seremos levados a crer que Garnier tem despertado pouco interesse dos historiadores profissionais ou de suas pós-graduações.

A circulação de livros impressos e a formação de bibliotecas na América portuguesa são objetos de expressiva literatura, conforme avalia – num artigo sem data – Luiz Carlos Villalta, professor do Departamento de História da Universidade

Federal de Minas Gerais, ele mesmo autor de ensaio sobre o letramento na América portuguesa (VILLALTA, 1998). Esse interesse pelos vários aspectos da leitura na colônia, nos tempos da corte joanina no Rio de Janeiro e durante os primeiros anos do Império, dataria, segundo seu levantamento, do final da década de 1920, mas a partir dos anos 1980 as abordagens historiográficas estrangeiras influenciariam “direta e decisivamente a realização de várias investigações sobre o tema no período colonial” (VILLALTA, s/d, p. 5), resultando em numerosos trabalhos, disciplinarmente variados, publicados naquela e nas décadas seguintes. Como escreve Villalta, “historiadores e pesquisadores de diferentes áreas, mormente da literatura, da linguística e da educação, vêm desenvolvendo pesquisas sobre o livro e a leitura no Brasil Colônia” desde aqueles anos (VILLALTA, s/d, p. 1), mas – acrescentaríamos – talvez porque, nas últimas três décadas, multiplicaram-se ou se consolidaram as pós-graduações nas respectivas áreas, assim como as universidades (públicas e privadas) no país, que em 1998 contavam com 2.076 programas, dos quais 167 em Ciências Humanas, 110 em Ciências Sociais Aplicadas, 68 em Linguística, Letras e Artes e 30 classificados como “multidisciplinares”, evoluindo respectivamente para 419, 321, 172 e 261 em 2011 (CIRANI; CAMPANARIO; SILVA, 2015, p. 175). É nesse contexto que a redação da maior parte dos itens bibliográficos sobre Garnier pode ser compreendida.

Observe-se que, dos 19 artigos científicos identificados, 17 foram publicados nos anos 2000 – e um, sem data (ver item 3.15), com certeza não é anterior a esses anos. A lista de 16 capítulos ou passagens de livros, ainda que em boa parte povoada por obras de contemporâneos de Garnier ou produzidas fora da universidade, também é hegemonizada pela academia, com discreta vantagem para os textos anteriores ao século XXI: são nove títulos produzidos por especialistas universitários (ver itens 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.7, 6.8, 6.9, 6.15 e 6.16), quatro deles nos anos 2000. A multiplicação das pós-graduações com suas respectivas revistas (agora eletrônicas) explica, em boa medida, a maior incidência de artigos, já que a publicação em livro impresso é mais lenta e cara. A produtividade acadêmica (acentuada a partir dos anos 1990, com a reforma administrativa do Estado, promovida pelos sucessivos governos, em termos de eficiência dos serviços públicos e de redução dos seus custos), um dos critérios de avaliação das pós-graduações por agências do Ministério da Educação, é outro fator de aceleração das publicações.²⁷

No levantamento que empreendemos, é evidente a preponderância de pós-graduandos e docentes universitários que, por meio de suas investigações, expandiram o repertório de documentos, transcendendo – e muito – seus predecessores dos últimos cem anos. Nos anos 2000 é notável, por exemplo, a recuperação e disponibilização virtual de parte da documentação legada pela livraria e editora de Baptiste-Louis Garnier, assim como a minuciosa pesquisa em seus catálogos e o estudo de sua atuação editorial a partir de suas publicações – avanços que seriam impossíveis sem o investimento dos programas de pós-graduação e de projetos de pesquisa institucionalmente vinculados, cabendo especial menção a Marisa Lajolo e Regina Zilberman, que em 1996 publicaram *A formação da leitura no Brasil* recuperando pioneiramente contratos da antiga casa Garnier ao escreverem sobre ela (ver item 6.9). Chama a atenção também, numa apreciação inicial, a formação de núcleos menos ou mais evidentes centrados em alguns orientadores – especialmente Márcia Abreu (Unicamp) – que abordam ou tangenciam a herança de Garnier – inclusive situando-a na relação com o incipiente mercado brasileiro e com a Europa –, sobretudo na Unicamp e na Unesp, e a concentração dessa produção acadêmica no Sudeste, em particular no estado de São Paulo. De modo que, relativamente ao que foi escrito por Hallewell nos anos 1970 e ao mais que vai inventariado neste artigo, há um enorme e acelerado salto nos anos 2000, ampliando a percepção do trabalho deste que foi um dos maiores editores no Brasil do século XIX, ao ponto de influenciar a conformação da nascente indústria do livro no país. A profissionalização, a internacionalização e a especialização acadêmicas, por fim, se traduzem nas remissões entre esses trabalhos e em entidades ou eventos criados para congregar estudiosos da história do livro e da leitura e divulgar seus trabalhos, como é o caso do Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil²⁸ – cuja primeira edição é de 1998 –, do projeto coletivo e internacional de pesquisa *Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX (1789-1914)* – instaurado e desenvolvido nos anos 2000 –, e do Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, inaugurado em 2004, formando uma comunidade ainda recente, mas que ao mesmo tempo organiza, valida e confere autoridade a esses especialistas e a seus trabalhos. Comunidade que, nas palavras de Foucault, adverte aos neófitos:

Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado

um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém. (FOUCAULT, 2016, p. 7)

NOTAS

1. Trabalho derivado da monografia de bacharelado *Um editor do Império: as fontes sobre Baptiste-Louis Garnier*, de Jhonathan Soares dos Santos Souza, defendida em dezembro de 2017 junto ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense sob a orientação do autor deste artigo, que contou com a colaboração pontual e a anuência formal do ex-orientando.
2. A esse acordo tácito sobre o enunciado acadêmico certamente se aplica o que escreve Foucault, dezenas de páginas adiante: “o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2015, p. 128).
3. Disponível em: <http://histoire-bibliophilie.blogspot.com/2013/05/revelations-sur-les-freres-garnier.html>. Acesso em: 23/01/2019.
4. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Fhtms%2Fmuseu-espacos%2Fcondecoracoes%2FImperioRosa.asp>. Acesso em: 23/01/2019.
5. A informação consta do *Dicionário bibliográfico português*, de Inocêncio Francisco da Silva (ver parte III, item 1.3).
6. Nessa obra também localizamos o nome que se oculta sob o pseudônimo Allan Kardec (ANDRADE, 2008, p. 20).
7. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Xavier_de_Montépin. Acesso em: 23/01/2019.
8. A informação de que ele nasceu em 1822 (e não em 1823) consta do site *Wikimanche* que, por sua vez, remete ao arquivo virtual do departamento ao qual pertence a municipalidade onde Garnier nasceu. Disponível em https://www.wikimanche.fr/Baptiste-Louis_Garnier#cite_note-lingreville-2. Acesso em: 18/02/2019. Consultamos o registro de nascimento de Baptiste-Louis Garnier, que consta das *Tables décennales 1813-1822 de Quettreville-sur-Sienne*, Cote 5 Mi 1217, élément 1266. Disponível em <http://www.archives-manche.fr/ark:/57115/a011288085772K8uBCx/5a5718d26f>. Acesso em: 18/02/2019.
9. O acervo da Garnier pertenceu a outras duas editoras, segundo informa Lúcia Granja, por sua vez fundamentada em Alexandra Santos Pinheiro: “A propósito das atividades editoriais de Baptiste-Louis Garnier, o trabalho de pesquisa de fontes de Alexandra Pinheiro recuperou os ‘42 contratos e 33 recibos de transações efetivadas por Garnier’ (2008, p. 175), os quais, agora, aparecem disponibilizados neste site. Um editor, quando fecha as suas portas, não desaparece, uma vez que seus fundos, em geral, são transmitidos a novos editores. Foi o que aconteceu com parte dos documentos do livreiro e editor francês instalado no Brasil ente 1844 e 1893. Depois de sua morte, os negócios da Livraria e Editora de B. L. Garnier foram transmitidos por herança a seu irmão, o livreiro-editor francês Hipollyte Garnier, que renovou os negócios no Rio de Janeiro e persistiu com a livraria e editora cariocas até o seu próprio fim, em 1911. Após essa época, o sobrinho-neto dos Garnier, Auguste Pierre, deu continuidade aos mesmos

- negócios, até a Grande Depressão, em 1934, quando a livraria foi vendida a Ferdinand Briguiet (HALLEWELL, 2005). Nesse momento, iniciou-se a dispersão dos fundos da Editora Garnier, à medida em que Briguiet os vendeu à editora Martins de São Paulo e, também, à editora Jackson. No final da cadeia, foi Pedro Paulo Moreira, o editor-proprietário da Vila Rica Editoras Reunidas, antiga Editora Itatiaia, quem guardou os documentos de Garnier, que lhe haviam chegado pela aquisição dos fundos da Editora Martins”. Disponível em: http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier_fr.pdf. Acesso em: 30/01/2019.
10. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=223621>. Acesso em: 26/01/2019.
 11. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=8&lang=pt>. Acesso em: 01/02/2019.
 12. Ainda está por ser feita minuciosa busca em jornais e revistas da época que, em crônicas – sobretudo de Machado de Assis – e notas, comentam o trabalho do editor francês). Parte desse trabalho, como veremos, já foi feito por Nelson Schapochnik e Alexandra Santos Pinheiro.
 13. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348449&pasta=ano%20191&pesq=1914>. Acesso em: 01/02/2019.
 14. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008959&bbm/5426#page/396/mode/2up>. Acesso em: 02/02/2019.
 15. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008960&bbm/5418#page/432/mode/2up>. Acesso em: 02/02/2019.
 16. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=740012&pesq=1867>. Acesso em: 01/02/2019.
 17. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706868&pasta=ano%20187&pesq=Garnier>. Acesso em: 01/02/2019.
 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706841&pesq=>. Acesso em: 01/02/2019.
 19. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&PagFis=43&Pesq=B.%20L.%20Garnier. Acesso em: 01/02/2019.
 20. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008394&bbm/4785#page/272/mode/2up>. Acesso em: 31/01/2019.
 21. O autor apresentou a comunicação “B. L. Garnier, Rua do Ouvidor 69” durante o XXI Simpósio Nacional de História da ANPUH, cuja íntegra não foi localizada por esta pesquisa. Resumo disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/ANPUH.S21.C.pdf>. Acesso em: 02/02/2019.
 22. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018490&bbm/4659#page/22/mode/2up>. Acesso em: 31/01/2019.
 23. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5855070h/f4.item.texteImage.zoom>. Acesso em: 02/02/2019.
 24. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018504&bbm/4647#page/56/mode/2up>. Acesso em: 03/02/2019.
 25. Em especial, em história, área que experimentou notável profissionalização de 1980 a 1989 e à que mais interessaria a atuação do livreiro-editor, embora os estudos sobre história do livro e da leitura não sejam privativos dos historiadores de formação.
 26. Helen de Castro Silva avalia a nova historiografia do livro e da leitura no Brasil produzida sobretudo nos anos 1990, inclusive apontando a crescente influência de Roger Chartier e Robert Darnton. Ela data o interesse por esse objeto, porém, de bem antes: “Apesar de não ser uma área nova, pois alguns estudos datam do final do século XIX, há ainda muito

o que se investigar, principalmente em países como o Brasil, que não têm tradição em estudos nesta área” (SILVA, 1998, p. 254).

27. O caso da Universidade Federal do Espírito Santo, a pública que mais expandiu entre o final do século passado e o início deste e que não é uma exceção, é bastante emblemático: “Entre 1995 e 2005 houve um aumento de 33% no número de professores, saltando de 896 para 1.190 (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009). Em meados de 2010 havia, aproximadamente, 1.200 professores, um crescimento de meros 0,8% nos últimos cinco anos, período em que houve maior expansão em termos de cursos e número de matrículas. Essas informações apontam um aspecto importante que envolve as universidades federais de modo geral: em maior ou menor grau, houve elevação significativa (e, muitas vezes, brutal) da demanda de trabalho docente e um acréscimo insignificante no corpo docente efetivo, exatamente aquele que assume as incumbências da pós-graduação, tendo, por isso, a obrigatoriedade de manter elevada a denominada ‘produção científica’” (BORSOI, 2012, p. 82).
28. Disponível em http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Hapre.html. Acesso em: 16/02/2019.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 1, p. 115-130, 2011.
- ALBUM, O. Rio de Janeiro, ano I, n. 41, segunda série, out. 1893, p. 322.
- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: G. Leuzinger, 1893.
- ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.
- ALMANAQUE Brasileiro Garnier para o ano de 1914. Rio de Janeiro, n. XI, 1913.
- ANDRADE, Mário Celso Ramiro de. *O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais*. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Artes Plásticas) – Departamento de Artes Plásticas, Universidade de São Paulo.
- ARCHIVES DÉPARTAMENTALE DE LA MANCHE. *Tables décennales 1813-1822 de Quetteville-sur-Sienne*, Cote 5 Mi 1217, élément 1266.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Organização de Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.
- AZEVEDO, Sílvia Maria Azevedo. *Trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada). Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo.
- BARBOSA, Mário de Lima. *Les Français dans l'histoire du Brésil*. Tradução Clément Gazet. Rio de Janeiro: Briguiet; Paris: A. Blanchard, 1923.
- BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: *Ficções*. Tradução Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 2001, p. 119-128.

BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, v. XIV, II série, p. 57-83, 2002.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Tradução Lúcia Maurício de Alverga. Revisão técnica Maria Yedda Linhares. 3. ed. 7. reimp. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloísa Helena Marques da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015.

CRESTANI, Jaison Luís. A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões. *Patrimônio & Memória*, Assis, v. 2, n. 1, p. 146-175, 2006.

CRESTANI, Jaison Luís. Contos de Machado de Assis publicados no *Jornal das Famílias*: a representação irônica das convenções da produção literária vinculada à imprensa periódica. *Patrimônio & Memória*, Assis, v. 3, n. 2, p. 64-79, 2007.

CRESTANI, Jaison Luís. Machado de Assis, contista do *Jornal das Famílias*. *Anais do Colóquio de Alunos de Pós-graduação em Letras*, Assis, 2007, p. 14-28.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2009.

DEAECTO, Marisa Midori. B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre França e Brasil no século XIX. In: LUCA, Tânia Regia; VIDAL, Laurent (org.). *Franceses no Brasil (séculos XIX-XX)*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, p. 421-438.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando o Brasil a ler, ensinando a ler o Brasil*. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 1999, p. 257-271.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 67-87.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, v. 2.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI – o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A história no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2016.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1962. t. 1.

GRANJA, Lúcia. Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. *Livro – Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, São Paulo, n. 3, p. 41-50, 2013.

GRANJA, Lúcia. Fontes para o estudo da edição no Brasil: os contratos e recibos da editora B. L. Garnier. Disponível em: http://www.circulacaodosimpresos.iel.unicamp.br/arquivos/contratos_Garnier_pt.pdf.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da literatura brasileira *chez* Garnier. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 81-95, jul./dez. 2013.

GRANJA, Lúcia. Um editor no espaço público: Baptiste Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 1205-1216, 2016.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO [*manuscrito sem data do Arquivo da Coleção Marquês de Olinda*]: lata 214, doc. 61.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A profissionalização do escritor no Brasil no século XIX. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 45, p. 65-92, abr./jun. 2015.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Tradução Teresa Coelho *et alii*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987. v. 1, p. 95-106.

LEÃO, Andrea Borges. Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858-1920). *História da Educação*, Pelotas, n. 21, p. 159-183, jan./abr. 2007.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870): ensaio de biografia intelectual*. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MODENEZ, Júlio César. A circulação de traduções francesas no Rio de Janeiro. *Cultura e Tradução*, João Pessoa, n. 1, v. 3, p. 223-232, 2014.

MODENEZ, Júlio César. *Dois mundos? Um estudo dos mercados livreiros carioca e parisiense em meados do século XIX*. Campinas, 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005.

OTLET, Paul Marie Gislain. *Introdução aos trabalhos do Congresso Mundial da Documentação Universal, realizado em Paris, em 1937*. Tradução Cícero Peregrino da Silva. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm#nota>.

PAIZ, O. Necrologia, ano IX, Rio de Janeiro, 2 out. 1893, p. 2.

- PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., Rio de Janeiro, 2004.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. Entre contratos e recibos: o trabalho de um editor francês no comércio livreiro do Rio de Janeiro oitocentista. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Assis, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- QUEIROZ, Juliana Maia de. Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da Livraria Garnier. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 199-212.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.
- REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e editor no processo de consolidação do mercado editorial. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., Rio de Janeiro, 2004.
- SANTOS, Clara Carolina Souza. Livros e mais livros: como alugar romances ingleses, franceses e brasileiros no Brasil oitocentista?. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 461-472, jan./jun. 2016.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos!. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., Rio de Janeiro, 2004
- SENNA, Ernesto. *O velho comércio do Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2006.
- SEXO Feminino, O. Rio de Janeiro, ano II, n. 2, 29 jul. 1875, p. 3.
- SILVA, Helen de Castro. Um olhar sobre a história da leitura. *Itinerários*, Araraquara, n. 13., p. 251-261, 1998.
- SILVA, Inocêncio Francisco. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. t. 8, suplemento A-B; 1870. t. 9, suplemento C-G.
- SOUZA, Eneida Maria de. O homem da porta da Garnier. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 12, n. 14, p. 9-17, jul./dez. 1992.
- TYPOGRAPHO, O. O trombetilha. Rio de Janeiro, ano I, n. 6, 5 dez. 1867, p. 3-4.
- VILLALTA, Luiz Carlos. A história do livro e da leitura no Brasil Colonial: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/livroeleitura.pdf>
- VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 331-386.

Joaci Pereira Furtado é Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre e Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Como citar:

FURTADO, Joaci Pereira. Inventário de uma biografia: as fontes dos escritos sobre Baptiste-Louis Garnier (1864-2017). *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 130-158, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.